

"A LÍNGUA MUNDIAL"

por Thierry Salomon

(traduzido por James Rezende Piton do original em francês "La Langue Mondiale" em <http://thierrysalomon.inf.hu>)

"Ora, fala sério! Por que você apoia essa utopia de 'língua interétnica neutra' como você diz? A barreira das línguas já foi superada há muito tempo. Todo mundo já fala a nova língua internacional do comércio e da cultura!"

Quando Teodoro deixou o prédio onde veio ter uma entrevista de emprego essas palavras do diretor de recursos humanos ainda ecoavam em sua cabeça. Talvez fosse melhor não ter mencionado seu interesse pela língua que busca facilitar a comunicação entre pessoas de línguas maternas diferentes. "Essa coisa artificial, nociva à cultura da humanidade", nas palavras do vice-diretor da empresa. Uma terceira pessoa ainda acrescentou: "Nós ligaremos para você". Teodoro sabia que por causa disso ele havia perdido todas suas chances da vaga.

Comprou um exemplar do "Die Finanzielle Zeit" e foi comer numa "Bratwursterei". Todas as capitais e grandes cidades do mundo se parecem agora. Em suas viagens Teodoro observou que por toda parte leem-se os mesmos anúncios de multinacionais. Na Inglaterra, na França ou na Hungria não há mais "pubs", "bistrots" ou "kocsma", apenas os "Kneipe" em escala global. Tentou imaginar como eram Londres, Paris ou Budapeste antes da guerra. Não era fácil.

Sim, de fato parece que tudo começou mesmo após o fim da Segunda Guerra Mundial. O "Plano Himmler" financiou a reconstrução dos países arrasados. Com muita doutrinação. Para cada quilo de farinha, três quilos de propaganda. Para uma barra de sabão, um pouco de lavagem cerebral. O próprio tratado de paz foi redigido na nova língua universal. Assim é que o alemão se tornou a língua da diplomacia e do comércio.

Teodoro não conseguiu continuar a leitura do jornal. Seus pensamentos se diluíam e a música soava forte demais no local. Para dizer a verdade, entender o texto não exigia muito esforço mental. O refrão consistia em alguma coisa como "Ich liebe dich mein Schatz". Teodoro queria ouvir canções com um verdadeiro texto e uma mensagem. Como por exemplo as de G. Laffaille. As rádios tocam muito pouca música que não seja em alemão. Até há cada vez mais grupos e intérpretes não-alemães que se põem a cantar nessa língua da moda. No início, nos concursos Eurovision foram os escandinavos que começaram. Como sua língua materna pertence à mesma família linguística, foi mais fácil para eles. Agora nesse concurso os países cujos

representantes não cantam em alemão ficam em desvantagem. Os ingleses, que atingiram resultados medíocres nas últimas edições e que até consideram sua língua imprópria para a música moderna, já decidiram que no futuro suas bandas cantarão mesmo em alemão.

Quanto à vendagem de disco, enquanto os outros só contam com o mercado local, os grupos alemães podem buscar o mercado mundial. Além disso, como a maioria não entende as letras (mas o rock só pode ser em alemão, como por muito tempo as missas só eram em latim), eles não precisam cuidar muito do conteúdo. E as vendas mais altas podem ser investidas em um som de melhor qualidade.

Essa língua étnica já invadiu as outras línguas de tal forma, que alguns falam de um "engleutsch": o jargão bastardo falado na Inglaterra. É o inglês misturado com uma porção de palavras e expressões alemãs. A mesma coisa na França, há o "frallemmand". Lá, vinte anos depois do fim da Guerra, um certo Etiemble escreveu o livro "Você fala frallemmand"? Por um certo tempo essa obra teve um pequeno efeito positivo e contribuiu para rechaçar alguns germanismos, mas em seguida para cada palavra filtrada, outras dez se instalaram. Mas é mesmo fora de moda resistir ao fenômeno. Em francês tente dizer "bonne fin de semaine!", vão corrigi-lo no ato: "bonne Wochenende!". Como se as duas expressões não significassem a mesma coisa!

Há alguns meses, em uma conferência, uma sumidade francesa para temas linguísticos declarou que a língua francesa não estava em risco porque ela é grande e nobre. Teodoro se lembrou de que o capitão do Titanic afirmara qualquer coisa assim sobre seu navio.

Passeando, Teodoro parou diante de um cinema. Os cartazes mostram claramente que sete de cada dez filmes são alemães. Em alguns países os filmes nem são mais dublados, mas legendados. Será que pelo custo ou para que os ouvidos locais se acostumem com a língua dos colonizadores?

Chegando em casa, Teodoro ligou a tevê. As principais redes internacionais são alemãs. A mais influente é a rede de atualidades alemãs, cujos fundadores eram discípulos de Goebbels. Os programas de outros países transmitem muitas produções alemãs e utilizam com frequência expressões na língua de Goethe. É particularmente verdade nas redes inglesas. Para "atualidades" não se diz mais "news", mas "Nachrichten" como em "BBC Nachrichten", por exemplo. O Reino Unido inaugurou até uma rede em alemão: "A Onda Inglesa". Teodoro tentou zapear. Mas só havia propaganda para embrutecer os colonizados. Desligou a tevê e se sentou no computador.

A língua alemã domina nesse campo também. É a língua da informática, como o latim foi a língua da Igreja. Foi na Alemanha que nasceu e se desenvolveu a informática e surgiram as primeiras calculadoras. Por isso os computadores podem

tratar facilmente todas as letras do alfabeto germânico mas não os caracteres acentuados das outras línguas. Na área de Teodoro os termos em alemão brotam. Mesmo nos outros países o teclado "qwertz" é usado. Os programas mais utilizados têm dois nomes alemães, como Fenstern ("Janelas") e Kraftpunkt ("Ponto de Força"). Mas é principalmente no comércio que salta aos olhos a supremacia da língua mundial atual. Por força da moda as publicidades, nomes de lojas ou empresas que têm nomes alemães permitem vender mais.

Nesses tempos de globalização (ou germanização), a língua alemã se torna cada vez a língua de trabalho de muitas empresas, independente do lugar em que elas se encontrem. Até empresas nos EUA, na Inglaterra e na França usam o alemão para reuniões internas. Mesmo quando todos os participantes são americanos, ingleses ou franceses. Os documentos e regulamentos internos só existem nessa língua. Tudo isto causa sempre um dilema em Teodoro, porque ainda que ele goste da língua alemã, não concorda que uma língua nacional se torne língua universal e coloque em risco as demais línguas e culturas.

A supremacia comercial do Estado alemão se fortifica continuamente, num círculo vicioso. A Alemanha é forte porque ganhou a guerra. Esse poderio militar-econômico fez o uso da língua alemã como língua internacional. E este uso dá uma vantagem econômica aos alemães. Os estudantes não-alemães têm que dedicar um tempo enorme toda semana para aprender essa língua "universal" (no mínimo uns cinco anos). Nesse tempo os estudantes alemães podem aprender com mais profundidade outras matérias. Assim a cada semana estes fazem seu avanço nos domínios científicos, em relação aos demais.

Além disso os alemães têm uma vantagem enorme em poder publicar e fazer conferências em sua própria língua. Graças a isto suas publicações são melhores e precisam de menos esforços. Suas apresentações são mais convincentes e naturais. Os não-alemães, mesmo aqueles que dominam bem a língua, não podem publicar o que quer que seja sem se fazer revisar por um germânico nativo. Estudos mostram que nas reuniões internacionais os falantes nativos de alemão ocupam 80% do tempo de fala.

Mesmo depois de um aprendizado intensivo, os não-alemães sempre falarão pior que um simples mendigo alemão. Durante os debates os alemães podem dizer o que querem, mas os outros só podem dizer o que são capazes de expressar em alemão. Para chegar a um domínio suficiente da língua que permita lutar com armas iguais é preciso começar o aprendizado muito cedo e passar longos períodos no Reich, ou seja, quase se tornar alemão.

Hoje em dia, pensou Teodoro, um especialista médio em sua área mas que domina bem a língua alemã vale mais que um expert que só fala um alemão sofrível. Um alemão pode ir ao exterior e ganhar dinheiro dando cursos da língua. Mesmo sem qualquer formação profissional ele poderá facilmente se empregar. Ele será útil para corrigir textos. Teodoro ficou com medo da ideia de que a humanidade esteja a ponto

de se dividir em duas castas. Os falantes nativos da nova "lingua franca" pertencem à casta superior. Nesse feudalismo moderno eles são os nobres. O uso e o ensino de sua língua consistem uma fonte imensa de renda para a Alemanha e uma perda de tempo e dinheiro para os demais. De fato é uma espécie de imposto linguístico.

As camadas sociais superiores dos outros países estão a serviço da Alemanha e suas empresas. Eles têm os recursos para aprender bem a língua e enviar sua prole para escolas bilíngues ou até para estudarem na Alemanha. Alguns chegar a falar em alemão em casa com os filhos para que eles tenham melhores chances na vida. Por sua capacidade de relacionamento com os membros do império alemão, eles ganham vantagens consideráveis. Essa situação sendo perfeita para eles, eles reduzem ao silêncio eventuais aspirações a uma política linguística internacional mais justa. De fato eles colaboram com os colonizadores e traem seu próprio país por dinheiro. Teodoro pensou que a expressão adequada para caracterizá-los não é traidores da pátria mas sim da "língua materna".

Nas camadas menos elevadas não faltam esnobes, que tentam imitar os que estão acima. É comum que os que falam alemão pior se utilizem mais de palavras e expressões alemãs em suas frases. Assim eles dão um ar de mais esclarecidos e por dentro da moda. Esses esnobes sempre levam Teodoro a se exasperar. Assim que eles pergunta por que não se utilizam de palavras já existentes na língua materna ao invés de expressões alemãs da moda, eles explicam que não é a mesma coisa, que há uma nuance, que a língua materna não conta com uma palavra adequada para isso etc... Se há séculos atrás seus ancestrais tivessem pensado da mesma forma, a maioria das línguas não teria termos para a maior parte dos objetos e conceitos básicos. Teodoro utiliza-se de uma estratégia divertida com os esnobes cuja proporção de palavras alemãs numa frase ultrapassam um certo limite. Ele continua simplesmente a conversa em alemão. É sempre cômico quando os esnobes devem se desculpar e confessar que eles não falam bem a língua.

Tudo o que diz respeito à cultura alemã é considerado de prestígio e na moda. O que se relaciona às outras culturas é considerado como retrógrado e sem graça. Nos países vencidos reinam a propaganda e os mitos. Muitos querem imigrar para o centro do mundo. Um após outro, os melhores cientistas deixam seus países para ir trabalhar na (e para a) Alemanha. No tempo da fundação do Império Europeu a igualdade das línguas era considerada um ponto importante. Mas as outras línguas são cada vez menos utilizadas, para economizar tempo e dinheiro. As instâncias europeias empregam cada vez mais exclusivamente falantes nativos de alemão. Assim austríacos e alemães gozam de imensa vantagem. Ninguém parece notar que isto fará que os outros idiomas sejam reduzidos a meros patoás e ao seu enfraquecimento do ponto de vista cultural. Há alguns anos nos colégios - e este foi o caso no de Teodoro - cada vez mais alunos escolhem o alemão como primeira língua estrangeira. Poucos aprendem outras línguas.

Quanto mais ele pensa nisso, mais Teodoro chega à conclusão de que o Império Europeu se encontra num dilema histórico. À primeira vista há dois caminhos possíveis. O primeiro - usar várias línguas de trabalho - respeitaria a diversidade das línguas e igualdade linguística. Mas é custoso e nada prático. Traduzir e interpretar entre os diversos idiomas exige dinheiro, tempo e energia. O outro caminho leva ao uso do alemão para a comunicação internacional. A maior parte da carneirada vai por este caminho da moda, de forma cega, sem tomar consciência de que ela leva ao enfraquecimento das demais línguas e culturas. A uma germanização. À colonização voluntária. Não veem que tomando esse caminho terão que provavelmente falar em alemão com seus próprios netos. Se olhassem (quisessem olhar ou pudessem olhar) melhor, veriam que oculta, atrás de uma moita de preconceitos e mitos bem como uma névoa de argumentos errôneos, existe uma terceira via.

Poucos conhecem a existência desse terceiro caminho. Para conservar seus privilégios, alguns até o escondem, negando sua existência ou afirmando que se trata de rota quimérica que não se pode utilizar. Esse caminho é vítima de chacotas. Como a do vice-diretor da empresa visitada hoje. Muito poucos se rebelam contra o imperialismo cultural e linguístico da "Pax Germanica". Talvez porque muito poucos têm consciência disto. Teodoro fica impressionado com a eficácia da propaganda ininterrupta. Mesmo pessoas que não falam nada de alemão afirmam seriamente que "o mundo todo fala alemão". Ninguém os informa que 90% da humanidade não fala. E assim fica evidente que o alemão é A língua do comércio, da informática, do transporte aéreo, do transporte marítimo etc...

Sim, de fato, parece que a língua INTERNacional Esperanto não é útil. Quem se interessaria por uma língua não étnica e fácil para uso interétnico?

Por uma língua que permite uma comunicação entre pessoas de modo igualitário e mais eficaz?

Por uma língua dez vezes mais fácil de se aprender e não disponível apenas para uma elite?

Por uma língua cujo uso poderia preservar a diversidade linguística e cultural?

Teodoro foi se deitar decidido a não mencionar mais esse "hobby" bizarro nas futuras entrevistas de emprego. Porque "todo mundo já fala alemão", porque "o alemão é uma língua fácil" e é "a melhor para a comunicação internacional"... "a língua mundial".

(c) Thierry SALOMON
tsalomon EM hotmail.com